

DEPOIS DO VENDAVAL

Roberto Rodrigues*

Todos os dias acontecem no país inteiro dezenas de eventos para debater os efeitos do coronavírus sobre os diversos setores sociais e econômicos, durante os quais sugestões de ação para os setores públicos e privados são lançadas, especulações sobre o futuro pós pandemia são avaliadas, e fica clara a assombrosa desunião nacional quanto ao comportamento a seguir para evitar o avanço do vírus.

Enquanto isso, as atividades rurais e as do agronegócio vão se mantendo a duras penas, e algumas correm riscos muito altos, como é o caso da produção de flores (não tem mais mercado para elas com o fim das festas, congressos, eventos e até missas e casamentos adiados), dos produtos hortifrutigranjeiros (quando amadurecem precisam ir logo ao mercado, ou apodrecem) e a dura atividade da cana de açúcar, com a queda do consumo de etanol e dos seus preços em função do petróleo.

Alguns produtos perdem valor, outros são valorizados, e como em todas as crises profundas, há setores que estão ganhando e outros perdendo demais.

Ações vão sendo negociadas entre governo e setor privado, o Parlamento e o Judiciário participam das discussões, ora ajudando, ora atrapalhando, e vamos atravessando este pântano pandêmico sem saber o que nos espera ao final.

O estrago na saúde das populações, o descalabro social, o desequilíbrio econômico nas nações e no mundo, o desgaste dos políticos, a perda de confiança em instituições e em estruturas tradicionais, estas questões são apenas algumas facetas do enorme desarranjo causado pelo Covid-19. Dentro de alguns meses, quando a pandemia tiver passado, assistiremos ao despertar de um mundo que muitos estudiosos dizem que será bem diferente. O que poderá mudar tanto assim?

Um tema fundamental é a “descoberta” da enorme fragilidade sanitária com que vivemos. Um vírus mexeu tanto com a humanidade, como enfrentar isso? E não se trata apenas do coronavírus. Antes dele, a peste suína africana já tinha feito um “estrago” gigante no abastecimento de carne de porco, começando também na China, mas já tendo chegado a vários países asiáticos e a alguns europeus e do Oriente Médio. A gripe aviária, ofuscada pelo Covid-19, também vem destruindo aviários, sobretudo no continente asiático. Com certeza o problema da saúde pública ganhará outra importância no cenário global, e a “régua” dos controles deverá subir bastante. E com ela deverão ser também mais buscadas a rastreabilidade e a certificação dos alimentos. Consumidores estarão cada vez mais preocupados com a saúde e interessados em saber como cada produto foi tratado até chegar ao supermercado. Por outro lado, especula-se sobre a mudança de hábitos alimentares. Todo mundo está cozinhando em casa, comendo diferente e mais barato. Isso vai ficar? Pode ser que sim. E, em caso positivo, a demanda por alimentos vai mudar? Isso exigirá da agropecuária novos produtos? Outros perderão espaço?

E como ficam as redes de distribuição? Como fica o fast-food, o food service, o que acontecerá com restaurantes e bares?

O trabalho sofrerá realmente uma profunda revolução, com grande parte da população trabalhando em casa, nos mais diversos tipos de ocupação?

E a mobilidade social? Será que as pessoas se acostumarão a usar menos carros, porque sairão menos? O uso de combustíveis vai despencar? Como ficarão as fábricas de veículos? E os postos de combustíveis? Há muitas perguntas no ar. Mas ninguém pode respondê-las com absoluta certeza, ao menos por enquanto. E vai ser muito interessante acompanhar o que virá...

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Titular da Cátedra de Agronegócios da USP.**